

LINHAS DE VENTO

PERCURSOS ARTÍSTICOS
NA NATUREZA

Caves Ferreira,
Vila Nova de Gaia

01.ABR —
31.OUT 2025

SERRALVES FORA DE PORTAS OUT OF DOORS

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

Organização Organisation
Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

Curadoria Curator
Joana Valsassina

Produção e Assistência Curatorial Production and Curatorial Assistant
Carlos Magalhães

PUBLICAÇÃO PUBLICATION

Texto Text
Joana Valsassina

Coordenação Coordination
Carlos Magalhães

Edição Copy-editing
Maria João Teles Grilo

Tradução Translation
Martin Dale; John Elliott

Créditos fotográficos Photographic credits
© Filipe Braga, © Ricardo Raminhos, © Fundação de Serralves

LINHAS DE VENTO

PERCURSOS ARTÍSTICOS NA NATUREZA

Ângelo de Sousa
Fernando José Pereira
Fernando Lanhas
Richard Long

SERRALVES

Tomando como ponto de partida a relação singular que a história e a produção do Vinho do Porto estabelecem com os territórios percorridos pelo rio Douro, a exposição *Linhas de vento. Percursos artísticos na natureza* acompanha o trajeto de visita das Caves Ferreira com a apresentação de um conjunto de obras de artistas portugueses e internacionais que reequacionam o nosso vínculo com o meio natural sob diferentes perspectivas e em múltiplas dimensões, seja a partir do contorno de um seixo, do curso de um ribeiro, do trajeto de uma caminhada ou do movimento do planeta.

A exposição tem como génese o importante núcleo de obras da Coleção de Serralves que se inserem na tendência artística do final dos anos 1960 conhecida como *land art*, ou *earthworks*¹. Neste período de viragem no paradigma artístico internacional, vários artistas encontram no território natural o lugar e a matéria para o desenvolvimento de projetos artísticos intencionalmente deslocados dos espaços tradicionais de criação e exposição. As suas práticas surgem intimamente associadas à emergência da arte conceptual, à valorização do processo de criação em detrimento do objeto artístico, à diluição das fronteiras entre disciplinas e ao questionamento do sistema de valor imposto pelo mercado da arte. O recurso a materiais naturais não processados, à fotografia, ao desenho e à linguagem torna-se recorrente no trabalho destes artistas que documentam e transportam para o espaço expositivo as suas experiências artísticas.

¹ Tendência conhecida ainda como *earth art*. Os termos *earthworks* e *Earth Art* surgem como títulos das primeiras exposições coletivas que apresentaram este tipo de trabalhos nos EUA, na Dwan Gallery, em Nova Iorque, em outubro de 1968, e no A. D. White Museum da Universidade de Cornell, em Ithaca, em fevereiro de 1969. O termo *land art* terá sido cunhado pelo artista pioneiro da videoarte Gerry Schum (Colónia, 1938 – Düsseldorf, Alemanha, 1973) no programa televisivo homónimo emitido pela primeira vez na Alemanha em abril de 1969. É de notar que vários artistas comumente associados a esta tendência artística rejeitam qualquer destes termos.

Longe de apresentar exaustivamente as investigações artísticas desenvolvidas neste enquadramento durante as décadas de 1960 e 1970 ou de definir uma genealogia rigorosa daí em diante, *Linhas de vento* estabelece pontos de contacto entre obras paradigmáticas deste período e trabalhos posteriores de artistas com percursos muito distintos, traçando caminhos de aproximação de índole temática, processual e material. Num momento em que a reconciliação entre humanidade e natureza parece cada vez mais remota, esta exposição apresenta diferentes aproximações artísticas ao meio natural. Será de notar que neste texto se evita intencionalmente o recurso ao termo “paisagem” — incontornável na história da pintura — pela conotação de alteridade que tende a abarcar². De facto, todos os trabalhos apresentados nesta exposição escapam de alguma forma à ideia de paisagem enquanto representação de uma entidade externa, alcançada por um “lance de vista”, já que os artistas aqui representados encaram a natureza enquanto campo de ação e não apenas de visão.

Richard Long (Bristol, Reino Unido, 1945) é uma das figuras tutelares da corrente europeia da *land art*, que tende a privilegiar um trabalho pessoal de intimidade com o território natural, encarando o simples ato de caminhar enquanto génese da sua prática artística. A exposição, cujo título é emprestado de uma obra da sua autoria³, tem início no Largo da Cruz, onde é apresentada a sua grande instalação *Earth Circle* [Círculo da Terra] (2001). Desde os anos 1960, Long tem realizado uma série de intervenções no território natural, por vezes documentando apenas o percurso do seu próprio corpo, mas utilizando também elementos que

² Nuno Faria, “Pequeno manual (revisado e aumentado) de sobrevivência da paisagem”, in *In the Rough: Imagens da natureza através da coleção do Museu Boijmans van Beuningen*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2001, p. 30.

³ *Wind Line* (1989), obra gráfica que regista a direção do vento ao longo de 20 dias de caminhada pela Península Ibérica.

encontra ao longo das suas caminhadas para a criação de instalações efémeras *in loco*.

A obra *Earth Circle* transporta para o Largo da Cruz as intervenções que Richard Long realiza na natureza, dispondo elementos naturais encontrados, nomeadamente pedaços de madeira ou blocos de pedra, segundo formas geométricas elementares como a linha ou o círculo. A transposição do *trabalho de campo* para o espaço expositivo é recorrente na obra de diversos artistas que se dedicaram à realização de projetos em territórios naturais remotos. De facto, a tensão dialética entre interior e exterior, transitoriedade e permanência, proximidade e distância é central à prática de Long e de muitos dos seus pares, refletindo-se também na vontade de afastamento físico e ideológico em relação ao mundo da arte e na persistente relação de interdependência que com ele se mantém. No caso de *Earth Circle*, a disposição dos blocos de granito abre um caminho central ondulante, prolongando para o Largo da Cruz — e partilhando com o visitante — o sentido de percurso inerente à sua prática. A pedra é encarada enquanto unidade elementar ubíqua embora sempre única: “Gosto do facto de cada pedra ser diferente, uma da outra, da mesma forma que todas as impressões digitais, ou flocos de neve (ou locais) são únicos, pelo que não há dois círculos iguais.”⁴

Apesar de ser sobretudo reconhecido como pintor, **Ângelo de Sousa** (Lourenço Marques, Moçambique, 1938 – Porto, 2011) desenvolveu um trabalho exemplar na exploração das potencialidades materiais, processuais e técnicas de diversas disciplinas — da pintura ao desenho e à escultura, à fotografia e ao filme. Entre 1972 e 1978, o artista filmou com uma câmara Super 8 um conjunto de trabalhos experimentais em película conhecidos como “filmes de chão”,

⁴ Richard Long: *São Paulo Bienal 1994*, cat. exp., Londres: The British Council, 1994, p. 6.

nos quais regista as variações de cor, luz e definição captadas pela câmara apontada para o solo durante as suas deambulações pela natureza.

No filme *Ribeiro* (1973), apresentado junto ao mapa de relevo da Região Demarcada do Douro, os atributos essenciais do suporte fílmico são manipulados pelo artista com o intuito de explorar as potencialidades pictóricas da imagem em movimento. A velocidade do corpo e do filme e a luminosidade de diferentes troços do percurso ditam o arrasto das cores e a (in)definição das formas. De facto, o ribeiro que o artista acompanha ao longo da sua caminhada é reconhecível apenas em alguns momentos fugidios, quando o seu corpo e a câmara param por instantes, para logo depois se dissolverem em cambiantes manchas abstratas. É notável como a obra do artista se alimenta em grande medida desta contaminação entre disciplinas: a linha e o plano que passam do papel e da tela para o espaço, na escultura, a cor e a mancha que substanciam o filme, a ação performativa do artista que anima toda a sua obra.

Fernando José Pereira (Porto, 1961) tem desenvolvido desde a década de 1990 uma prática multidisciplinar cruzando desenho, fotografia, vídeo, som e instalação, na qual a imagem em movimento assume particular preponderância. Assente num profundo pensamento teórico em torno da produção de imagens na sociedade contemporânea, a sua obra propõe uma reflexão sobre o real e o sublime, o possível e o impossível.

Como é habitual no trabalho do artista, o vídeo *hope-less [09'31" of the Earth's rotation]* (2007) é caracterizado por uma deliberada economia de meios e simplicidade técnica: uma câmara apontada para o céu utiliza “o planeta como tripé”, registrando em plano fixo o movimento aparente da Lua, que

sabemos ser ditado pela velocidade de rotação da Terra. A duração do vídeo é determinada pelo período que o astro leva a entrar e sair do plano fixo da câmara, assinalando a passagem do tempo e o subtil movimento que estabelece o nosso ritmo quotidiano. O hipnótico percurso da Lua é interrompido pela passagem de nuvens densas e pontuado pelo ruído do que se passa fora do enquadramento da câmara, em seu redor, à superfície deste corpo que se move e nos move incessantemente, confrontando dois tempos, duas mundanas realidades paralelas, em perpétuo movimento relativo.

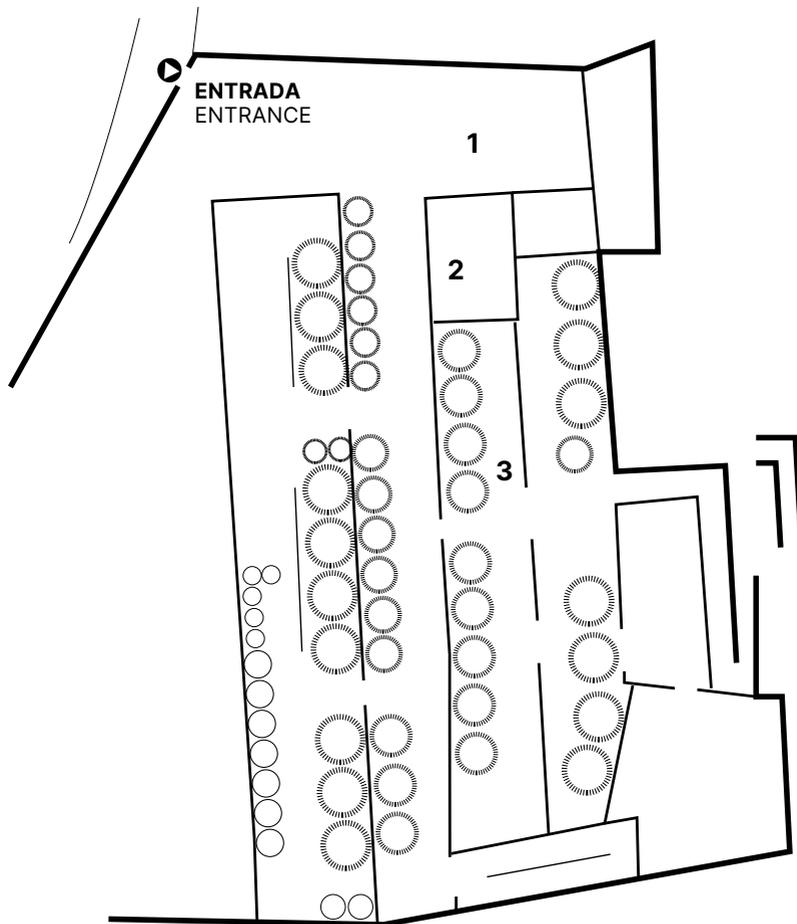
Fernando Lanhas (Porto, 1923 – 2012), artista, arquiteto, arqueólogo, paleontólogo, astrónomo e poeta, interessou-se pelos contornos geométricos do mundo natural, encontrando no movimento dos corpos celestes, no rolamento de seixos desgastados pelo tempo, em vestígios fósseis pré-históricos e na harmonia da música clássica manifestações de uma ordem universal de base geométrica que a humanidade procura desvendar. Considerado o precursor do abstracionismo geométrico em Portugal, Lanhas desenvolveu uma prática artística no campo da pintura de enorme rigor e coerência formal, indissociável do amplo leque de áreas de saber a que se dedicou durante a sua vida. O artista encara os seixos que colecionava durante as suas expedições arqueológicas enquanto superfícies pictóricas, como uma tela de linho ou um pedaço de papel, nas quais pinta as formas geométricas que reconhece no Universo. Por sua vez, o seu interesse pela geologia leva-o à utilização de pó de pedra moída para a criação da sua paleta de cores que se aproxima das tonalidades dos seixos que coleciona, como é possível reconhecer nas obras que se apresentam na sala de provas e que marcam, juntamente com uma seleção de publicações do artista, o culminar desta exposição.

A diversidade de percursos artísticos pela natureza assinalados em *Linhas de vento* — distintos em forma, processo e propósito — sublinha o carácter aberto, ilimitado e transformador da obra de arte e a multiplicidade de caminhos seguidos pelos artistas contemporâneos.

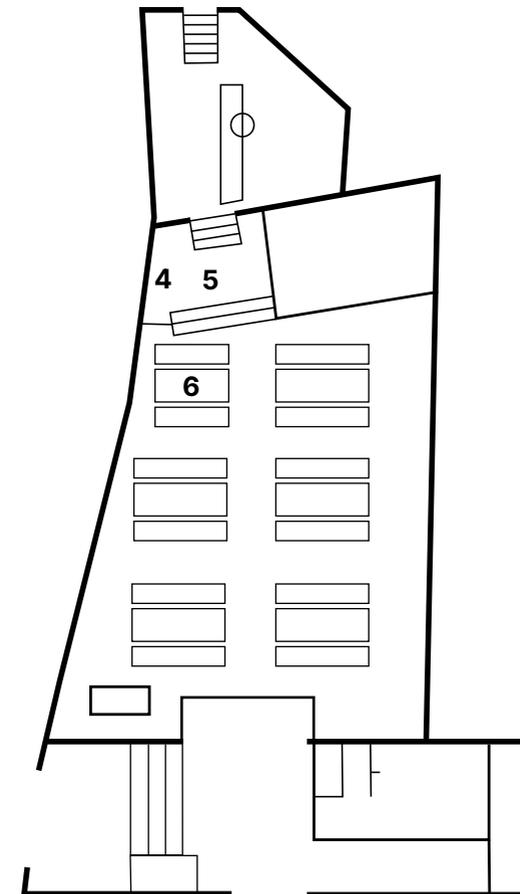
Joana Valsassina

Localização das obras ao longo do percurso de visita
Location of the artworks along the visitors' path

Por favor não tocar nas obras de arte
Please do not touch the artworks



Piso 0 Ground Floor



Sala de provas Wine Tasting Room



1. Richard Long
Earth Circle, 2001
Granito
Ø 900 cm
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2003

12

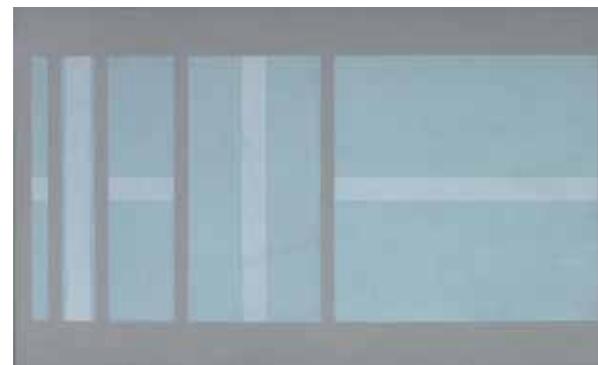


2. Ângelo de Sousa
Ribeiro, 1973
Filme Super 8 transferido para DVD, cor, sem som, 12'58"
Col. Estate Ângelo de Sousa, em depósito na Fundação de Serralves
— Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2000



3. Fernando José Pereira
hope-less [09'31" of the Earth's rotation], 2007
Video, cor, som, 10'33"
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2012

13



4. Fernando Lanhas
O37-66, 1966
Reprodução de pintura a óleo sobre contraplacado de madeira.
Serigrafia em papel de algodão Fabriano 100 gr. Ed. 446/450
Produção Fundação de Serralves, 2023



5. Fernando Lanhas

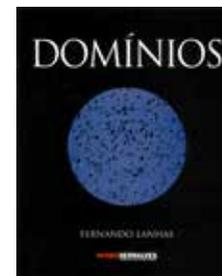
P68-84; P73-84; P74-84; P75-84; P77-84, 1984

P95-99, 1999

Seixos pintados (obras individuais)

Dimensões variáveis

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Doação do artista em 2011



6. Fernando Lanhas

O mundo mais próximo, 2006

Domínios, 2008

O céu inteiro, 2010

Fernando Lanhas, 2007

Lugar do desenho, 2001

Porto: Fundação de Serralves

Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu
de Arte Contemporânea, Porto

Taking as its starting point the unique relationship between the history and production of Port Wine and the territories through which the River Douro flows, the exhibition *Wind Lines. Artistic Paths in Nature* accompanies the visiting route to Caves Ferreira, presenting a series of works by Portuguese and international artists which reshape our bond to the natural environment in light of different perspectives and multiple dimensions, whether by directing our gaze to the shape of a pebble, the course of a stream, a walking trail or the movement of the planet.

The exhibition has its origins in an important set of works from the Serralves Collection framed within the context of the artistic trend that first emerged in the late 1960s known as *land art* or *earthworks*.¹ In this period of paradigm shift in the international artistic context, several artists find in nature the place and matter for the development of artistic projects intentionally distanced from the studio and the exhibition space. These practices arise in association with the emergence of conceptual art, as artists begin to favour the creative process rather than the artistic object, blur disciplinary boundaries and question the value system imposed by the art market. The use of natural raw materials, of photography, drawing, and language is recurrent in the work of these artists who document and transport their artistic experiences to the exhibition space.

Rather than offering an exhaustive presentation of the artistic research that was conducted in this context during the 1960s and 1970s or attempting to define a rigorous genealogy

¹ Also referred to as *Earth Art*. The terms *earthworks* and *Earth Art* appear as titles of the first group exhibitions that presented this type of work in the USA at Dwan Gallery, in New York, in October 1968, and at the A. D. White Museum in Cornell University, Ithaca, in February 1969. The term *Land Art* was coined by the pioneer video artist, Gerry Schum (Cologne, 1938–Düsseldorf, Germany, 1973) in the television programme, 'Land Art' first broadcasted in Germany in April 1969. It should be noted that several artists who are commonly associated with this artistic trend reject any of these terms.

thereafter, *Wind Lines* establishes contact points between key works associated with this movement by artists with very diverse trajectories, tracing thematic, procedural, and material affinities. At a time when the possibility of reconciliation between humanity and nature seems to be increasingly remote, this exhibition presents different artistic approaches to the natural environment. This text intentionally avoids the use of the term 'landscape'—essential in the history of painting—due to the connotation of alterity that tends to be associated with it.² In fact, all the works shown in this exhibition somehow evade the idea of landscape as a representation of an external entity, observed from a given viewpoint, as the artists represented herein view nature as a field of action and not just as a field of vision.

Richard Long (Bristol, UK, 1945) is one of the leading figures of the European land art movement, who privileges a personal and intimate work produced in natural settings, viewing the simple act of walking as the genesis for his artistic practice. The exhibition, whose title is taken from one of his works³, begins in Largo da Cruz, with the display of his large installation *Earth Circle* (2001). Since the 1960s, Long has undertaken a series of interventions in natural surroundings, sometimes documenting only the path followed by his own body, but also using elements he finds during his walks to create and produce ephemeral installations on site.

The work *Earth Circle* brings Richard Long's interventions in nature into Largo da Cruz. This type of works features found natural elements, in particular pieces of wood or stone blocks, that exhibit elementary geometric shapes, such as

² Nuno Faria, 'A small handbook (revised and enlarged) of survival in the landscape', in *In the Rough: Images of nature through the collection of the Boijmans van Beuningen Museum*, exh. cat., Porto: Serralves Foundation, 2001, p. 30.

³ *Wind Line* (1989), a graphic work that maps the direction of the wind during twenty days of walking around the Iberian Peninsula.

a line or a circle. The transposition of their *fieldwork* into the exhibition space is a recurrent feature of the work of several artists who have dedicated themselves to implementing projects in remote natural territories. In fact, the dialectical tension between interior and exterior, transience and permanence, proximity and distance is a central aspect of Long's practice and that of many of his peers, also reflected in the desire for physical and ideological distance from the art world and the persistent relationship of interdependence that is maintained with it. In the case of *Earth Circle*, the arrangement of the granite blocks opens up an undulating central path, extending into Largo da Cruz—and sharing with the visitor—the sense of journey inherent in his practice. Long equates stones as a ubiquitous but always unique elementary unit: 'I like the fact that every stone is different, one from another, in the same way all fingerprints, or snowflakes (or places) are unique, so no two circles can be alike.'⁴

18

Although recognised, above all, as a painter, **Ângelo de Sousa** (Lourenço Marques, Mozambique, 1938–Porto, Portugal, 2011) developed an exemplary work by exploring the material, procedural and technical potential of different disciplines—from painting to drawing and sculpture, photography and film. Between 1972 and 1978, the artist used a Super 8 camera to film a set of experimental works known as 'ground films', in which he recorded the variations in colour, brightness and definition captured by the camera pointed at the ground during his rambles through nature.

In the film *Ribeiro* [Stream] (1973), shown next to the relief map of the Douro Demarcated Region, the essential traits of the film medium are masterfully manipulated by the artist to explore the pictorial potential of the moving image. The speed of the body and the film, together with the brightness along

⁴ Richard Long: *São Paulo Bienal 1994*, exh. cat., London: The British Council, 1994, p. 6.

different stretches of his walking route, dictate the dragging of the colours and the shape(lessness) of the forms. In fact, the stream that the artist follows along his walk is recognisable only in a few fleeting moments, when his body and the camera stop for a moment and then dissolve into changing abstract blobs. It is noteworthy how the artist's work largely feeds off this interweaving of disciplines: the line and the plane that move from the paper and the canvas into space, as sculpture; colour and patch that unravel in the film, the artist's performative action that animates his entire practice.

Since the 1990s, **Fernando José Pereira** (Porto, Portugal, 1961) has been developing a multidisciplinary practice involving a mixture of drawing, photography, video, sound and installation, in which the moving image plays a particularly prominent role. Based on deep theoretical thought about the production of images in contemporary society, his work proposes a reflection about the real and the sublime, the possible and the impossible.

19

As is customary in the artist's work, the video *hope-less [09'31" of the Earth's rotation]* (2007) is characterised by a deliberate economy of means and technical simplicity: a camera pointed at the sky uses 'the planet as a tripod', taking a fixed shot of the Moon's apparent movement, which, as we know, is dictated by the speed of the Earth's rotation. The duration of the video is determined by the time that this celestial body takes to enter and leave the camera's fixed shot, registering the passage of time and the subtle movement that sets our daily rhythm. The Moon's hypnotic journey is interrupted by the passage of thick clouds and marked by the noise of what is happening off-screen on the surface of the planet, which is constantly turning and incessantly moving us, confronting two time frames, two mundane parallel realities, in perpetual relative motion.

Fernando Lanhas (Porto, Portugal, 1923–2012), artist, architect, archaeologist, paleontologist, astronomer and poet, became interested in the geometric contours of the natural world, finding in the movement of the celestial bodies, in the rolling of weathered pebbles, in fossil remains from the Pre-historic Ages and in the harmony of classical music manifestations of a geometric universal order that humanity seeks to unravel. Considered the forerunner of geometric abstractionism in Portugal, Fernando Lanhas developed a highly rigorous and formally coherent artistic practice in the field of painting, which is inseparable from the broad range of disciplines he pursued during his life. The artist viewed the pebbles he collected during his archaeological expeditions as pictorial surfaces, just like a linen canvas or a sheet of paper, on which he painted geometric shapes he recognised in the Universe. Conversely, his interest in geology led him to use crushed stone powder to create his colour palette, which is close to the hues of the pebbles he collects, as is recognisable in the works presented in the Wine Tasting Room and which, together with a selection of the artist's publications, mark the culmination of this exhibition.

The diversity of the artistic trails through nature displayed in this exhibition—distinct in form, process and purpose—underlines the open, unlimited and transformative character of the work of art and the multiplicity of paths followed by contemporary artists.

Joana Valsassina

LER READ

Henry David Thoreau, *Caminhada* (1851), Lisboa: Antígona, 2012
Rachel Louise Carson, *Silent Spring*, Boston: Houghton Mifflin, 1962
Robert Smithson, "A Sedimentation of the Mind: Earth Project", *Artforum*, vol. 7, n.º 1, 1968
Willoughby Sharp, Liza Béar, *Avalanche*, n.º 1, 1970
Alberto Carneiro, *O Caderno Preto: Ideias e Projectos 1968/1971*, Porto: Galeria Alvarez, 1971
Richard Long, *River Avon Book*, 1979
Rosalind Krauss, "Sculpture in the Expanded Field", *October* n.º 8, 1979
Heresies Collective, *Heresies: Earthkeeping / Earthshaking*, n.º 13, 1981
Lucy Lippard, *Overlay. Contemporary Art and the Art of Prehistory*, Nova Iorque: Pantheon Books, 1983
Fernando Lanhas, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2001
Ângelo de Sousa: *Sem Prata*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2001
Fernando José Pereira, "Entre híbridos e mutantes — notas sobre arte e presente global", *Arq/a*, n.º 44, 2007
Donna Haraway, "Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene", *Environmental Humanities*, vol. 6, 2015

VER SEE

Manoel de Oliveira, *Douro, Faina Fluvial*, 1931
Stanley Kubrick, *2001: A Space Odyssey*, 1968
Lothar Baumgarten, *Da Gefällt's mir besser als in Westfalen, Eldorado*, 1968–1976
Gerry Schum, *Land Art*, 1969
Nancy Holt e and Robert Smithson, *Swamp*, 1971
Ângelo de Sousa, *Flores Vermelhas*, 1974
Manoel de Oliveira, *Vale Abraão*, 1993
Paulo Rocha, *O Rio do Ouro*, 1998
João Trabelo, *Fernando Lanhas — Saber Ver Demora*, 2002
Kim Ki-duk, *Spring, Summer, Fall, Winter... and Spring*, 2003
Werner Herzog, *Grizzly Man*, 2005
Olga Ramos, *Dificilmente o Que Habita Perto da Origem Abandona o Lugar*, 2008
Fernando José Pereira, *remote control [interference]*, 2010
Wim Wenders e and Juliano Ribeiro Salgado, *The Salt of the Earth*, 2014
Terrence Malick, *Voyage of Time*, 2016

OUVIR LISTEN

Antonio Vivaldi, *Le Quattro Stagioni*, 1725
José Santos Rosa, *Ó Meu Rio Douro*, 1960
Frank Sinatra, *Fly Me to the Moon*, 1954
The Beatles, *Mother Nature's Son*, 1968
David Bowie, *Space Oddity*, 1969
Joni Mitchell, *Ladies of the Canyon*, 1970
Simone de Oliveira, *Desfolhada*, 1972
Caetano Veloso, *Terra*, 1978
Bill Fontana, *Field Recordings of Natural Sounds*, 1983
Rui Veloso, *Porto Sentido*, 1987
Aimee Mann, *Lost in Space*, 2002
Childish Gambino, *Feel Like Summer*, 2018

A Coleção de Serralves centra-se na arte contemporânea produzida desde os anos 1960 até à atualidade, distinguindo-se pela perspetiva internacional que proporciona sobre a arte portuguesa produzida a partir desse período histórico de mudanças políticas, sociais e culturais a nível planetário. Cumprindo o seu programa de pesquisa e desenvolvimento permanentes, a Coleção de Serralves mantém uma aturada atenção à criação do século XXI, em particular à relação das artes visuais com a performance, a arquitetura e a contemporaneidade no âmbito de um presente pós-colonial e globalizado.

A Coleção de Serralves integra obras que são propriedade da Fundação de Serralves, incluindo um importante núcleo de livros e edições de artistas, e obras provenientes de várias coleções privadas e públicas que foram objeto de depósitos de longo prazo. De entre os acervos depositados em Serralves, que constituíram pontos de referência para o seu desenvolvimento, contam-se a Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE) e a coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

A presente mostra integra-se no programa de exposições e apresentação de obras da Coleção de Serralves, especificamente selecionadas para os locais de exposição com o objetivo de tornar o acervo acessível a públicos diversificados de todas as regiões do país.

The Serralves Collection focuses on contemporary art spanning from the 1960s to the present, offering an international perspective on Portuguese art since that historical period, which was marked by worldwide political, social and cultural change. In line with its continuous research and development programme, the Serralves Collection follows attentively the developments in twenty-first century creation, particularly in regard to the relationship between the visual arts and performance, architecture and contemporaneity in the context of a post-colonial, globalised present.

The Serralves Collection includes works that belong to the Serralves Foundation, including a significant corpus of artists' books and publications, as well as works on long-term loan from several public and private collections, which were crucial references for its formation, such as the Portuguese State Contemporary Art Collection (CACE) and the Luso-American Development Foundation (FLAD) Collection.

Wind Lines. Artistic Paths in Nature is part of a programme of exhibitions and presentation of artworks from the Serralves Collection that are specifically selected for each location with the purpose of making the collection accessible to the public across all regions in the country.

SERRALVES

Tomando como ponto de partida a relação singular que a história de Dona Antónia Adelaide Ferreira e a produção de Vinho do Porto estabelecem com os territórios percorridos pelo rio Douro, a exposição coletiva *Linhas de vento. Percursos artísticos na natureza* acompanha o trajeto de visitação das Caves Ferreira com a apresenta o de um conjunto de obras da Cole o de Serralves que reequacionam o nosso vínculo com o meio natural sob diferentes perspetivas e em múltiplas dimensões. Esta exposi o desenvolve-se em torno de uma grande instala o de um dos maiores vultos internacionais associados ao movimento da *land art*, Richard Long, apresentada em diálogo com obras de artistas portugueses de diferentes gera es cujas práticas relevam aproxima es distintas a esta temática, que hoje se reveste de especial relevância.

Taking as its starting point the unique relationship between the history of Dona Ant nia Adelaide Ferreira and production of Port Wine and the territories through which the River Douro flows, the exhibition *Wind Lines. Artistic Paths in Nature* accompanies the visiting route to Caves Ferreira, presenting a series of works by from the Serralves Collection which reshape our bond to the natural environment in light of different perspectives and multiple dimensions. This exhibition is centred around a large installation by one of the most important international figures associated with the land art movement, Richard Long, presented in dialogue with works by Portuguese artists from different generations, whose practices highlight different approaches to this theme, which today holds particular significance.

www.serralves.pt



CAVES FERREIRA

Av. Ramos Pinto 70, 4400-082 Vila Nova de Gaia

CONTACTOS CONTACTS

+351 223 746 107/08 | +351 937 850 335 | ferreira.visitors@aaferreira.pt | portoferreira.com

HOR RIO SCHEDULE

Todos os dias Everyday: 10h00 — 12h30; 14h00 — 18h00

Apoio Institucional
Institutional Support

